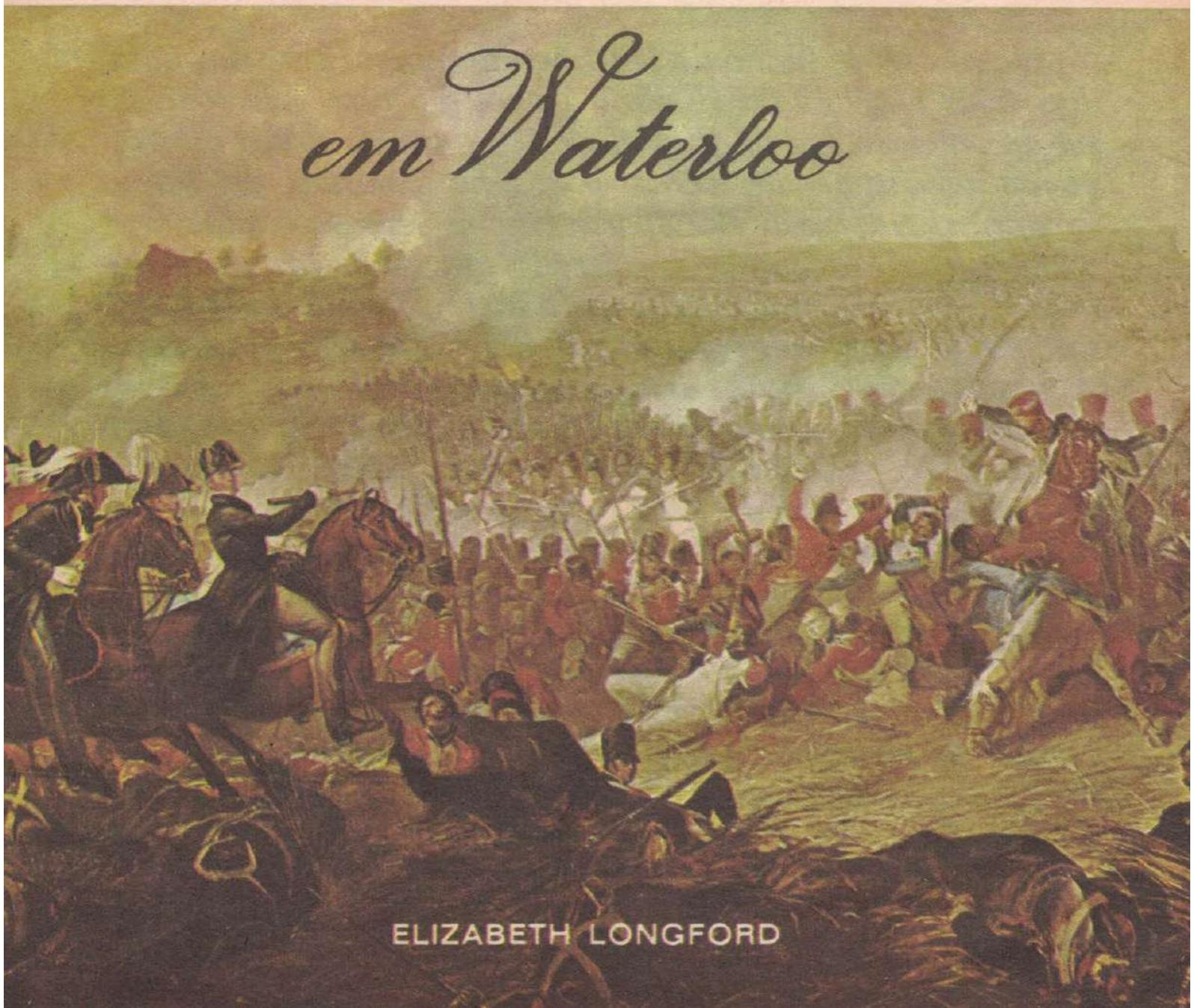


SEÇÃO DE LIVROS

Wellington

em Waterloo



ELIZABETH LONGFORD

Wellington em Waterloo

No dia 18 de junho de 1815, um domingo, uma das batalhas mais cruciais da História travou-se num vale logo ao sul da aldeia belga de Waterloo. De volta do exílio e novamente ameaçado de cerco por uma coalisão de forças européias, Napoleão Bonaparte lançou seus veteranos regimentos franceses num desesperado ataque às forças anglo-holandobélgicas, comandadas pelo inglês Duque de Wellington, em aliança com o Marechal Blücher e seus prussianos. A batalha não apenas esmagou as últimas esperanças de Napoleão de recuperar o seu Império, mas definiu também o curso da política européia durante quase um século: somente em agosto de 1914 é que grandes potências voltariam a alinhar-se num combate homicida e total em busca de supremacia.

Elizabeth Longford — a Condessa de Longford, mulher do sobrinho-bisneto do primeiro Duque de Wellington — uma meticulosa historiadora, em sua famosa biografia do Duque de Ferro recriou em todas as cores aquela batalha decisiva. Em *Wellington: The Years of the Sword* («Os Anos da Espada») está o triunfo — e a tragédia — de Waterloo.

SUA GRAÇA o Duque de Wellington chegou a Viena, vindo de Paris, depois de uma corrida de 10 dias através da Europa. Com a abdicação de Napoleão Bonaparte e seu exílio na Ilha de Elba, terminavam finalmente duas décadas de guerra; Wellington, que jamais conhecera a derrota em anos de combates contra os exércitos de Napoleão, fora convocado para assumir o cargo de plenipotenciário inglês ao Congresso de Viena, onde as cinco grandes potências européias — Rússia, Prússia, Áustria, Grã-Bretanha e França — tentavam forjar um acordo de paz.

Wellington contava então 45 anos e estava no apogeu da sua forma física: magro, elástico, os cabelos ainda castanhos, olhos de um azul penetrante, um perfil marcadamente romano. Trazia um prestígio sem paralelo ao seu novo posto, inclusive uma recentemente adquirida reputação de diplomata. Servira os últimos cinco meses como embaixador junto à corte do recém-restaurado Luís XVIII de França. Sua personalidade — cortante e objetiva — tampouco desapontaria os augustos delegados que o aguardavam em Viena.

— E que já foi feito, cavalheiros? — ele perguntou ao chegar.

— Nada, absolutamente nada! — respondeu o Príncipe Metternich, da Áustria.

Wellington imediatamente pôs a funcionar a máquina enferrujada. Seus métodos diretos contrastavam marcadamente com os dos seus dois colegas mais próximos

CASA DE WELLINGTON. CORTESIA DO MUSEU VICTORIA AND ALBERT



Wellington num retrato de 1814, de Lawrence

Napoleão, pintado por Pierre Prud'hon, pouco antes da batalha

FOTO HACHETTE. COLEÇÃO DA PRINCESA DE LA TOUR D'AUVERGNE



— Metternich e o veterano Ministro do Exterior francês, Talleyrand. «Em se tratando de nações», diria Wellington mais tarde a amigos, «a única maneira de lidar é diretamente, sem estratégias ou subterfúgios.» A própria aparência física do francês Talleyrand, ao contrário, era tortuosa. Com sua perna aleijada e cara de macaco, ele era sinônimo de trapaça, e Metternich era considerado igualmente escorregadio. Wellington fora especificamente advertido contra a sua «*finesse* e truques».

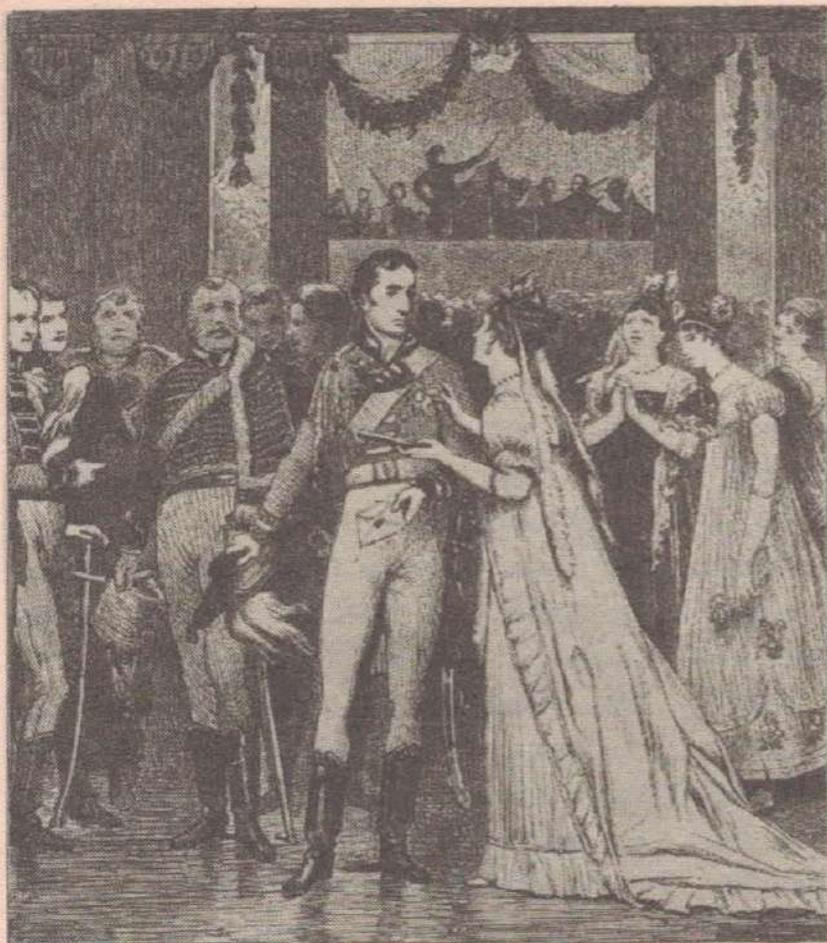
Entretanto, os três homens tinham algo em comum: buscavam o ponto mágico de «justo equilíbrio», o que, por definição, significava paz mundial. Baseava-se num esquema de ajustamentos entre todos os estados europeus, e não num sistema monolítico como o de Napoleão.

Um clima de relativo otimismo prevalecia em Viena quando Wellington lá chegou — mas havia sempre uma presença invisível pairando sobre a mesa de conferências, sobre toda a Europa, na realidade. O fato era que o Governo francês já degenerara numa espécie de benevolente confusão, que a muitos parecia pior que a tirania eficiente de Napoleão, e o Exército continuava bonapartista até à medula. Os soldados levavam o laço branco dos Bourbon em seus capacetes emplumados, mas no fundo das mochilas ia a adorada Tricolor. Ao velho e ganancioso Rei Luís chamavam «*le cochon*» (porco) e,

jogando cartas, chamavam «porco» ao Rei de Copas. Outros cantavam a Marselhesa e gritavam *Vive l'Empereur* abertamente ou aderiam a um jogo mais sutil de gestos e senhas: bebiam à *sua* saúde ou perguntavam baixinho uns aos outros: «Você acredita em Jesus Cristo?» E a resposta era: «Sim... e na sua *ressurreição!*»

O Governo francês tinha informações secretas de que Bonaparte, ao ser certificado dos conflitos e indecisões em Viena, dissera: «Estou vendo que será necessário tomar conta de novo.» A advertência foi ignorada. Ignoradas também haviam sido suas palavras ao partir para Elba, em 1814, de que voltaria na próxima primavera, «com as violetas». Agentes secretos a serviço de Napoleão visitaram Elba durante o ano inteiro.

O carcereiro oficial de Elba, o Comissário Britânico Sir Neil Campbell, preferiu igualmente ignorar os sinais de perigo. Tinha tanta certeza de que se esgotara a ambição de Bonaparte que, a 16 de fevereiro de 1815, duas semanas depois da chegada de Wellington a Viena, partiu para a Itália em viagem de serviço. Napoleão imediatamente pôs em ação seus planos de fuga, que incluíam o isolamento da ilha do resto do mundo: nenhum barco de pesca poderia fazer-se ao mar. Ao anoitecer de 26 de fevereiro, apoiado por 1.200 soldados e seis pequenos barcos, além do seu próprio, com dinheiro obtido da venda das jóias oferecidas por sua



Wellington no Baile da Duquesa de Richmond, de onde sairia para a batalha

irmã Paulina, ele embarcou no brigue *Inconstant* a caminho do continente.

No dia 4 de março, o serviço telegráfico francês levou a notícia ao Rei Luís, em Paris. Seus dedos, atacados de gota, mal conseguiam abrir o envelope. Depois de ler, o rei sentou-se, a cabeça entre as mãos. Finalmente, dirigiu-se a um ministro:

— Você sabe o que este envelope contém?

— Não, Majestade, não sei.

— Muito bem, eu lhe conto. É a revolução, de novo.

Segundo o próprio Wellington, foi ele o primeiro membro do Congresso de Viena a tomar conheci-

mento da fuga. Imediatamente passou a informação aos seus colegas. Consta que muitos soltaram gargalhadas.

A complicada *coiffure* empoada de Talleyrand estava sendo arrumada, como de costume, em seu quarto, enquanto sua sobrinha Dorothea, sentada a um canto da cama, comentava os ensaios de uma comédia, aquela tarde, na casa de Metternich. Subitamente chegou uma mensagem do próprio Príncipe Metternich.

Ocupado com a *toilette*, sem ligar muito, Talleyrand mandou que a sobrinha lesse.

— Deve ser a hora da reunião de hoje. — Dorothea abriu o envelope.

— Napoleão fugiu de Elba! Oh, titio, e o meu ensaio?

O astuto Talleyrand, que conseguira manter-se Ministro do Exterior sob a República, sob o Império napoleônico e sob a Monarquia restaurada, respondeu com elegante despreocupação:

— Nem pense nisso. Vá ao ensaio.

Outros, entretanto, levaram a informação mais a sério. O Secretário do Exterior britânico, Lord Castlereagh, escreveu imediatamente de Londres oferecendo a Wellington a escolha entre continuar com seus serviços diplomáticos em Viena ou o comando de um exército. O Czar

Alexandre da Rússia, como o próprio Wellington, não via alternativa. Com a mão sobre o ombro do Duque, disse:

— Cabe a você salvar o mundo de novo.

«Enganado, Por Deus!»

O CONGRESSO logo teve conhecimento de que Napoleão desembarcara na França, a 1.º de março, e marchava sobre Paris. Esperaram até receber a notícia de que o primeiro tiro fora disparado antes de detê-lo. Esperaram em vão. Napoleão entrou em Paris no dia 20 de março. O único golpe desfechado a favor do Rei, consta, foi o de uma velhinha que vendia castanhas assadas. Quando ela gritou *Vive le Roi*, um homem respondeu com *Vive l'Empereur*, e ela golpeou-o na cabeça com uma colher de pau.

No dia 25 de março, agindo com inusitado vigor, as potências européias anunciaram a criação de uma aliança para repor «a águia» na gaiola. Um milhão de soldados cercariam a França num grande arco, da fronteira suíça ao Mar do Norte. Wellington foi nomeado comandante das forças anglo-holandobélgas encarregadas da defesa do extremo oriental desse arco. Encerrada sua carreira diplomática, ele deixou a capital austríaca rumo a Bruxelas e começou imediatamente a organizar as defesas dos Países Baixos.

Embora Wellington tivesse sempre derrotado os marechais de Napoleão

ao longo de cinco anos de campanhas na Península Ibérica, ele jamais se encontrara frente a frente com o Imperador. «Preferia ver o Exército francês reforçado de 40.000 homens do que ter Napoleão chegando para assumir o comando», ele confessou. Entretanto, ao chegar a Bruxelas, tinha confiança de que ele e os aliados da Grã-Bretanha poderiam «tomar conta da situação».

Quando um político inglês lhe perguntou quais eram as suas possibilidades na batalha que se avizinhava, Wellington apontou para um soldado de uniforme escarlate e disse: «Estão ali. Depende desse material se resolvemos o problema ou não. Dêem-me o suficiente dele e eu não tenho dúvidas.»

Veteranos da campanha ibérica, que chamavam a Wellington o «Narigudo», por causa do seu nariz proeminente, sentiam o mesmo em relação a ele: «Grande notícia! O Narigudo é o comandante! Vamos dar uma surra neles!»

Mas não havia «material» disponível nos números que Wellington desejava. Pediu ao seu Governo 40.000 infantes, 15.000 cavaleiros e 150 canhões. Mas a Inglaterra vivia numa febre de paz e reduzira suas forças a um mínimo. Ele recebeu um total de 30.000 homens de todas as armas, dos quais apenas 7.000 eram veteranos.

«Tenho um exército infame», queixou-se o Duque, «muito fraco e mal equipado.»

Não tinha, tampouco, confiança completa num outro setor vital

— o serviço secreto. Não lhe era permitido enviar patrulhas de cavalaria investigar os territórios em poder dos franceses, e medidas de absoluta segurança, que Napoleão sabia tão bem como impor, selavam as fronteiras da França a norte e a leste. Como em Elba, os barcos estavam proibidos de se mexer. Todas as carruagens eram detidas, todos os documentos interceptados, e seus agentes continuavam ativamente a fazer circular informações falsas.

Em consequência, a 6 de junho, o serviço secreto britânico estava certo de que Bonaparte deixara Paris e se aproximava da fronteira, na direção de Lille. (Em realidade, Napoleão continuava em Paris.) A 13 de junho, Wellington era de opinião que a partida de Napoleão de Paris «não deveria ocorrer em futuro imediato». (Napoleão deixara a cidade na véspera.)

Pessoalmente, Wellington estava convencido de que Napoleão adotaria o caminho que ele próprio teria escolhido: um avanço à volta do seu flanco, a fim de isolá-lo do Mar do Norte. Mas Napoleão tinha outras idéias. Sobre ele não estavam apenas as forças anglo-holandesas de Wellington, com QG em Bruxelas, mas também os exércitos prussianos do Marechal Gebhard von Blücher, concentrados à volta de Namur, cerca de 55 quilômetros a sudeste da capital belga. Juntos, contavam 210.000 homens, contra os 122.000 de Napoleão, e o Corso não estava interessado em

enfrentar seus dois inimigos juntos. O elo entre os dois era o ponto fraco sobre o qual se lançaria a fim de separá-los e derrotar cada um por sua vez.

Napoleão começou o seu avanço antes do nascer do dia 15 de junho, e pelas 11 horas dessa manhã havia conseguido desalojar os prussianos de Blücher da cidade de Charleroi, que ficava sobre a estrada principal para Bruxelas, no rumo norte-sul, de forma que as intenções de Napoleão deveriam ser bem claras. Mas informações claras sobre a batalha foram retardadas. Quando Wellington as recebeu, mais de 12 horas depois, estava pronto para um baile oferecido pela Duquesa de Richmond.

Numa suprema demonstração de *nonchalance* britânica, o Duque recebeu a notícia, passou-a ao adido prussiano e acrescentou: «Os inúmeros amigos de Napoleão, aqui, devem estar em pé de guerra; vamos então todos ao mesmo baile.» De qualquer maneira, ainda havia ordens a serem distribuídas e pessoas com quem se entrevistar. Por que não fazê-lo sob esta conveniente camuflagem?

O salão de festas dos Richmond havia sido transformado num brilhante palácio forrado de papel treliçado cor-de-rosa, ricas decorações que pendiam como tendas e colunas enfeitadas com fitas, folhas e flores. Estavam presentes todos os embaixadores, generais e aristocratas, bem como jovens e elegantes oficiais e muitos civis. Wellington chegou

atrasado. Lady Georgina Lennox, de 17 anos, que se encontrava dançando, parou imediatamente e correu a perguntar-lhe se os boatos eram verdadeiros — se as tropas marchariam mesmo na manhã seguinte?

«Sim, partimos amanhã», respondeu Wellington. A notícia espalhou-se rapidamente, e o salão era como uma colméia que alguém tivesse chutado. Ouvia-se um zunzum nervoso de todas as mesas e de todas as varandas elegantemente cortinadas. Mas o Duque parecia calmo como sempre.

«Tive vontade de esganá-lo», recordaria uma dama da nobreza belga, «pelo nervoso que a sua fleuma me causava e pela tranquilidade da sua conversa.»

Logo, porém, Wellington receberia duas más notícias. A primeira, de que os prussianos haviam sido expulsos de Fleurus, uma cidade a nordeste de Charleroi; a segunda, de que os franceses haviam avançado pela estrada de Bruxelas, até um cruzamento conhecido por Quatre Bras, a apenas 34 quilômetros de distância.

Wellington voltou-se para Richmond e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Você tem aí um bom mapa?

Primeiro, a ameaça a Fleurus; em seguida, minutos depois, Quatre Bras. Napoleão corria em ziguezague pelas estradas, à direita e à esquerda, como um raio. Não admira que Wellington estivesse incrédulo. Errara no palpite, mas não irremediavelmente. Corrigia-se agora.

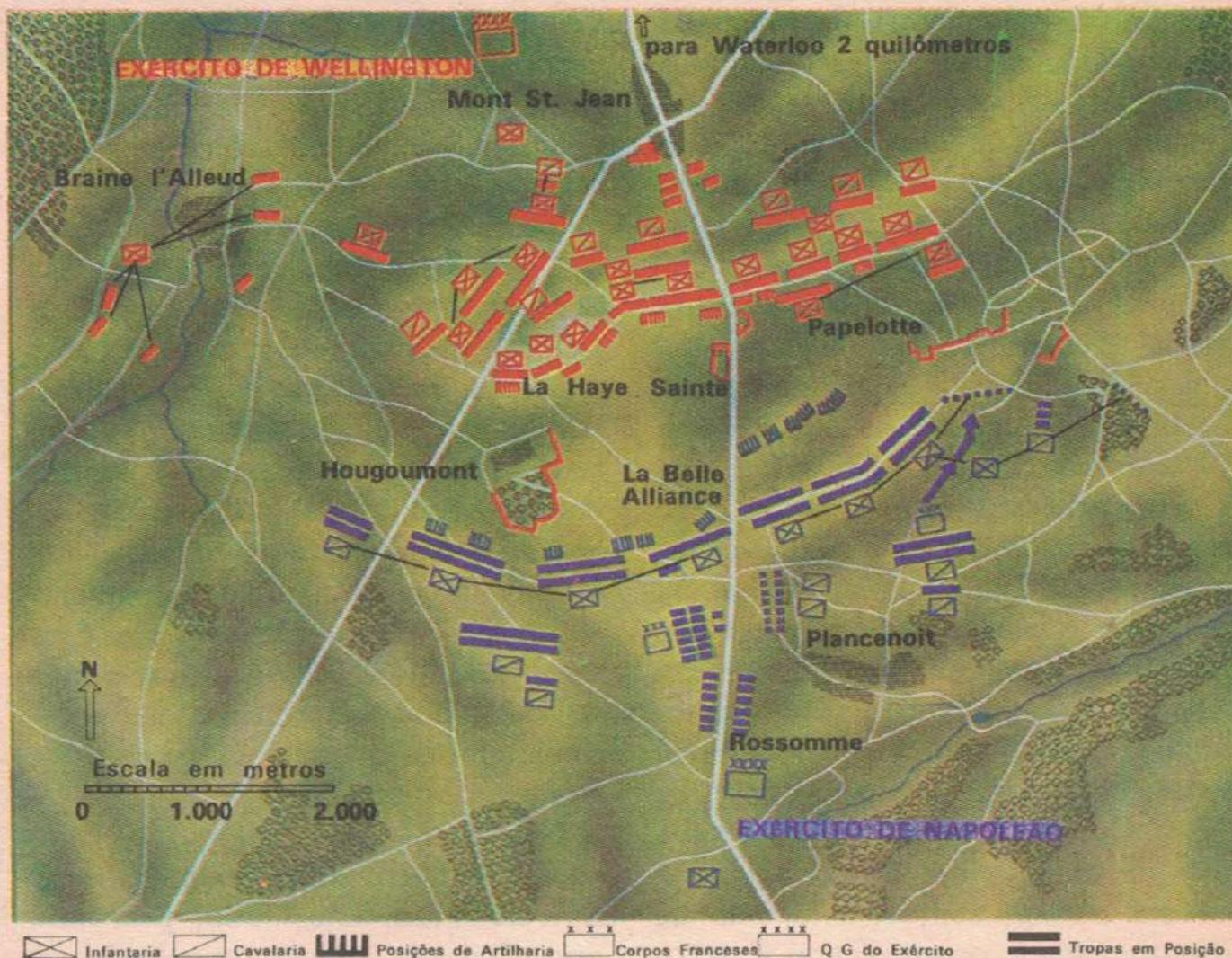
— Napoleão me enganou, por Deus! — ele confessou, examinando o mapa num gabinete ao lado do salão de festas. — Ele leva 24 horas de marcha sobre mim.

— E que pretende fazer? — Richmond perguntou.

— Ordenei às minhas tropas que se concentrassem em Quatre Bras; mas não o deteremos aí, e, se não o detivermos, terei de enfrentá-lo aqui. — Com o dedo, traçou no mapa uma linha logo ao sul da aldeiazinha de Waterloo.

Sempre aparentemente imperturbável, Wellington então retirou-se por duas horas, tendo dormido profundamente em meio ao clamor de ordens, armas se entrechocando, uma confusão de gaitas de fole, tambores rufando, gritos, cavalos relinchando, cachorros latindo e o choro de crianças subitamente despertadas e de mulheres de soldados que já haviam partido. Havia no ar um clima de faz-de-conta. Lady Dalrymple-Hamilton, que deixara o baile dos Richmond às duas e meia da manhã, via da sua janela os Highlanders com seus saíotes marchando para o sul, tão duros que as plumas negras dos seus bonés mal balançavam. Às oito horas, foi despertada pela criada. «Oh, *my lady*, levante-se, depressa. Lá vai ele, que Deus o proteja, e não retornará enquanto não for Rei de França!»

Era Wellington à frente do seu Estado-Maior, cavalgando rumo a Quatre Bras, onde se representaria o prólogo de uma das maiores e mais dramáticas batalhas da História.



Os Nós da Corda

EM QUATRE BRAS, os números eram absolutamente desfavoráveis a Wellington. Os franceses, sob o comando do Marechal Michel Ney, dispunham de 20.000 homens, com mais 20.000 na reserva. Wellington tinha apenas 8.000, embora reforços estivessem a caminho. Ney começou a marchar pouco antes do meio-dia, e pelas 2h 30m havia capturado os principais obstáculos que impediam o seu acesso ao entroncamento. Faltava apenas limpar uma grande floresta a oeste. Isto feito, Quatre Bras seria sua. Às 7 horas da manhã

seguinte, Ney estaria onde Napoleão esperava, insistira e previra com absoluta exatidão — em Bruxelas.

O Duque enfrentou a crise com um contra-ataque imediato, dirigido contra algumas casas de fazenda à sua esquerda. Apesar da enorme desvantagem, era a sua única possibilidade. Tinha de ganhar tempo a qualquer preço e manter em seu poder as estradas que ligavam Quatre Bras a Ligny, 10 quilômetros a sudeste, onde Blücher, com 84.000 homens, enfrentava os 70.500 homens da principal força francesa, sob o comando de Napoleão.

Wellington tinha dois fatores a

seu favor: primeiro, a fraqueza das suas linhas era parcialmente ocultada pelos trigais que nesse tempo os lavradores, para usar a palha, cultivavam até dois metros de altura; segundo, atrás de si, a 5.^a Divisão, de Thomas Picton, com 8.000 homens, acabara de chegar, embora ainda tivesse de ser posicionada. Atrás dela vinham contingentes de holandeses, alemães e ingleses. O tempo estava a seu favor.

Seu primeiro contra-ataque não teve êxito. Na realidade, àquela altura, nenhum contra-ataque podia ser mais que um obstáculo temporário, de vez que Wellington era obrigado, ainda durante algum tempo, como num jogo maluco, a expor suas cartas apenas as recebia. Apesar de tudo, quando Ney estava pronto para lançar o seu segundo e mais maciço ataque, a divisão de Picton estava pronta para a ação, e a batalha de Quatre Bras começou a mostrar-se como seria.

Mais e mais, as débeis linhas de Wellington estavam destinadas a receber furiosos ataques de cavalaria, precedidos de bombardeio dos canhões e violentas cargas de fuzilaria; a cada onda, alguma coisa cedia, com ameaça iminente de rompimento das linhas; e sempre algum contingente que na noite anterior recebera dele ordem de marchar aparecia no último momento para salvá-lo da destruição.

A sorte de Ney era ao contrário. No começo, acreditara estar sendo apoiado pelos 20.000 homens do 1.^o Corpo, sob o comando do

Conde Drouet d'Erlon; mas, por uma mensagem de D'Erlon, ficou sabendo que Napoleão já os chamara para Ligny. Ney ordenou que D'Erlon retornasse imediatamente. Um mensageiro encontrou o 1.^o Corpo prestes a entrar no campo de batalha em Ligny, e D'Erlon resolveu-se pelo mais fácil: deu meia volta rumo a Quatre Bras, aonde chegou exatamente quando terminava a batalha, seus soldados não disparando um único tiro.

As perdas foram pesadas em Quatre Bras: 4.800 aliados, e apenas algumas centenas a menos entre os franceses. Mas, sob qualquer ponto de vista, houvera empate. Ao anoitecer, ambos os lados estavam onde haviam começado.

Na direção de Ligny, o fogo cessou também pelas nove da noite, e Wellington, encantado, presumiu que Blücher havia expulsado o inimigo. Na verdade, Napoleão massacrara as colunas prussianas incessantemente, até que o riacho de Ligny corresse vermelho como um rio do Inferno. O próprio Blücher comandara uma última e corajosa carga de cavalaria. Seu fracasso fora completo. Seu cavalo foi morto, e ele foi duas vezes derrubado e pisoteado. Somente a presença de espírito de um ajudante, que jogou uma capa sobre as medalhas do velho marechal (Blücher tinha 72 anos), salvou-o de ser feito prisioneiro. As perdas prussianas subiam a 16.000, contra 12.000 dos franceses, enquanto mais 8.000 dos «filhos» de Blücher, como ele os

chamava, corriam pelos campos no rumo de casa. O grosso das tropas prussianas recuou até Wavre, a quase 29 quilômetros de distância.

O próprio Blücher refugiou-se ao norte do campo de batalha, numa casinha cheia de feridos, onde ninguém sabia quem ele era e onde pôde tratar de suas feridas com grandes goles de gin e uma poção de ruibarbo temperada com alho. Na manhã seguinte, mandou chamar Henry Hardinge, o jovem oficial de ligação de Wellington junto aos prussianos, que perdera a mão esquerda em Ligny, arrancada por um tiro de canhão. Blücher abraçou o seu *lieber Freund* e, pedindo desculpas pela bebedeira terapêutica da noite anterior, confessou: «Eu estou fedendo um pouco.» Em seguida, servindo-se generosamente de conhaque para limpar os ferimentos e fortalecer o estômago, rumou para Wavre, espalhando risadas bem-humoradas ao longo do caminho.

Às 9 horas da manhã, Wellington recebeu dos prussianos sua primeira mensagem pessoal do dia. Quais eram as intenções do Duque?

A fim de alinhar-se com os prussianos em Wavre, Wellington planejava um recuo — e depois fincar pé e lutar. Um ano antes, fizera um reconhecimento dos campos abertos em frente a Waterloo, e nas semanas anteriores a sua engenharia fizera o levantamento dos acidentes da região. Era aí que ele defenderia Bruxelas — se Blücher pudesse apoiá-lo «mesmo que seja com um batalhão só».

A retirada começou às 10 horas, de maneira ordenada, o comportamento frio do próprio Wellington marcando o clima. Oficiais nervosos animavam-se ao vê-lo sentado na grama entre saídas de reconhecimento, rindo-se com o noticiário dos jornais londrinos ou cochilando com as páginas do *Sun* a proteger-lhe os olhos. Pelas duas da tarde, havia partido o último infante.

«Não adianta esperar», disse ele ao comandante da sua retaguarda, Lord Uxbridge. «Quanto mais cedo você escapar, melhor.» Realmente, algo brilhante e luminoso começava a emergir à distância. Alguns momentos mais tarde, a visão tornava-se imensa e fantástica: ondas de espantosa poeira branca rolando por entre o verde vívido das árvores e colunas de franceses marchando, brilhando sob os raios de um sol mortiço que eram rapidamente engolidos por uma tempestade opaca. Um vento premonitório soprava de noroeste, e uma gigantesca sombra encobriu a retaguarda inglesa. Para completar esse «balé de guerra», como um oficial descreveu o quadro, um único cavaleiro aparecia escuro, recortado por um instante contra um fundo ainda iluminado dos campos ao sul — Napoleão.

Subitamente, ouviu-se uma violenta detonação e um lençol de chamas surgiu quando os canhões ingleses abriram fogo para cobrir a retirada. Um segundo depois, a nuvem inchada de tempestade, abalada pela concussão, explodiu com o rugido de uma bateria gigantesca,

reduzindo a sussurros o troar dos canhões dos homens. Nem Wellington, que conhecia as chuvas da Índia, jamais vira tempestade como esta. Mas, apesar da lama e da necessidade de dar pressa, chegaram a Waterloo em ordem.

Nessa noite, Lord Uxbridge, substituto de Wellington se este caísse, visitou o quartel improvisado do Duque, numa estalagem em Waterloo. Antes de recolher-se, queria saber algo sobre a estratégia do grande homem. Wellington ouviu as perguntas em silêncio, e depois perguntou:

— Quem atacará primeiro, amanhã? Eu ou Bonaparte?

— Bonaparte.

— Pois é, e Bonaparte ainda não me deu a menor idéia dos seus planos; se os meus dependem dos dele, como é que você espera que eu lhe diga quais são os meus planos? — Em seguida, sem querer desencorajar demais o subordinado, levantou-se, apoiou a mão no ombro do general e disse: — Uma coisa é certa, Uxbridge. Aconteça o que acontecer, você e eu cumprimos o nosso dever.

Era tipicamente seu esse enfoque prático da batalha, e anos mais tarde Wellington falaria sobre o tema, com referência especial ao seu método para derrotar os franceses: «Eles planejavam suas campanhas como quem faz um esplêndido arreio. Tudo muito bonito e funcionando muito bem, até que se parte; aí você está perdido. Eu fazia minhas campanhas de cordas.

Se algo se partia, dava um nó e seguia em frente.»

Até então, os nós da corda estavam aguentando.

Portentosa Exibição

ÀS SEIS HORAS da manhã seguinte, 18 de junho, Wellington saiu de Waterloo cavalcando o seu zaino *Copenhagen*. Estava acompanhado de uma brilhante comitiva de delegados estrangeiros, representantes dos Governos aliados, e oficiais do seu Estado-Maior em uniformes de gala. Em contraste, a aparência do Duque era extremamente simples — e um tônico para os seus soldados. Como observou, orgulhoso, o Sargento Edward Cotton, do 7.º de Hussardos, seu líder não precisava de uma cascata de plumas brancas descendo-lhe do tricórnio para dar-lhe dignidade: apenas as quatro fitas da Grã-Bretanha, Espanha, Portugal e Países Baixos indicavam sua alta hierarquia.

O Duque trajava confortáveis roupas civis: culotes de couro branco, botas, um casaco azul sobre o cinturão de ouro de marechal de campo espanhol. «Elegante como para um passeio a cavalo», descreveu o cirurgião John James, que o viu passar. «A simples visão dele bastava para os animar.»

O Duque estabeleceu seu posto de comando sob um olmo, no centro da longa colina de Waterloo. Enquanto ficava postado ao lado da «Árvore de Wellington», seu exército foi espalhado ao longo da

colina, de ambos os lados, a infantaria à frente, apoiada pela artilharia, atrás a cavalaria. Na retaguarda havia espessa floresta; à frente, depois de uns campos de trevo e de centeio, encontravam-se os soldados franceses.

No vale ao fundo da colina, à direita dos aliados, estava o castelo de Hougoumont, cercado de pomares, campos e florestas. O castelo era vital para segurança da ala direita aliada, e o oficial de ligação prussiano junto a Wellington, o Barão Carl von Müffling, temia que não pudesse ser protegido. Wellington tranquilizou-o.

— Ah, você não conhece Macdonnell — disse, rindo. — Mandei Macdonnell para lá.

O Coronel James Macdonnell, de Glengarry, e a sua Infantaria de Guarda, eram dos melhores soldados de Wellington.

Diretamente à frente do Duque, sobre a estrada para Bruxelas que dividia o campo de batalha, estava outro posto avançado vulnerável, a granja de La Haye Sainte. Isolada no vale, entre as linhas aliadas e francesas, seria difícil de defender. Mas o Duque temia que, se os franceses a tomassem, fariam dela bom uso como ninho de artilharia. Havia, portanto, guarnecido La Haye Sainte com um destacamento da Legião Real Alemã. Além de La Haye Sainte, à esquerda de Wellington, outros postos avançados isolados defendiam as ladeiras de aproximação às principais posições aliadas na colina.

Os olhos de águia de Wellington não vigiavam apenas os franceses. Seu exército fora reunido às pressas, e era duvidosa a lealdade de muitos dos soldados holando-belgas. Na verdade, era tão grande o bonapartismo deles que Wellington misturara soldados ingleses às suas unidades, a fim de consolidá-las. Assim, como ele dizia, «toda a juventude e toda a traição de um exército» já não estavam numa única unidade.

A necessidade de vigilância foi demonstrada quando um batalhão holando-belga aquartelado perto do exposto castelo de Hougoumont começou a sentir-se desagradavelmente perto das concentrações francesas. Com o Duque olhando-os de longe, eles escaparam do cenário da batalha iminente.

— Está vendo aqueles camaradas correndo? — Wellington perguntou ao adido austríaco. — Pois é com eles que eu tenho de ganhar a batalha.

Cravando as esporas em *Copenhagen*, galopou em direção aos soldados que fugiam, a fim de reuni-los. Quando se afastou e alguns renitentes atiraram sobre ele, fez como se não estivesse vendo. Foi somente mais tarde que ele observou como a história da Europa teria sido diferente se «um daqueles camaradas» tivesse melhor pontaria.

A intensa atividade de Wellington, deliberadamente mostrando-se por toda a parte, sua calma habitual animando a todos que o viam, contrastavam em todos os sentidos com

o comportamento matinal de Napoleão.

Às oito da manhã, com a presença do Marechal Nicolas Soult e de outros oficiais do seu estafe, o Imperador tomava o desjejum, servido em prata brasonada. Pela madrugada, ficara contente de ver o exército aliado ainda no topo da colina.

— Ah, esses ingleses, agora nós os pegamos! — ele disse. Mas resolveu não atacar imediatamente, a fim de dar tempo que o solo secasse, depois das chuvas da noite anterior. Esse retardamento foi o seu primeiro erro do dia, e deveu-se principalmente ao seu desprezo por Wellington como adversário e à sua convicção de que os prussianos, batidos, não conseguiriam reunir-se a ele antes de dois dias. Por quê a pressa em apanhar os ingleses? — Temos 90 probabilidades a nosso favor, e nem 10 contra — Napoleão observou.

O Marechal Soult, que sabia muito mais que Bonaparte a respeito de Wellington, ficou inquieto. Aconselhou a convocação imediata dos 33.000 homens que, sob o comando do Marechal Emmanuel de Grouchy, se encontravam no flanco leste. O Imperador riu, sarcástico:

— Só porque você foi derrotado por Wellington, acha que ele é um bom general. Eu lhe digo, Wellington é um mau general, os ingleses são maus soldados, e esse negócio todo — fez uma pausa e olhou a mesa que acabava de ser

limpa — não será mais difícil que tomar o desjejum.

Nas últimas horas de *suspense*, quem tivesse nervos fortes tinha muito que ver nas ladeiras em frente. O terreno molhado pode ter impedido Napoleão de começar na hora — mas ele sabia como encher o tempo. Tanto como balas, o medo podia atingir o inimigo. À medida que chegavam, seus regimentos eram posicionados com uma magnífica exibição de força e barulho. Seus capacetes faziam-nos reluzir como deuses e indicavam a enorme variedade de países e povos que o conquistador reunira para formar o seu poderio.

Havia lanceiros com seus gorros vermelhos de pele e quase meio metro de plumas brancas, caçadores com plumas verdes e escarlates, dragões com turbantes de pele de tigre, carabineiros vestidos de branco imaculado, granadeiros da Velha Guarda com enormes gorros de pele de urso erguidos altos sobre suas tranças empoadas e brincos de ouro. Contra o fundo escuro e ameaçador formado pelos longos capotes azuis da Guarda Imperial, flutuavam milhares de estandartes e uniformes brilhantes exibiam seus debruns escarlates, roxos e amarelos, grandes botões reluzentes, enfeites de couro e pele, franjas de ouro e prata, dragonas, faixas e alamares.

Mais de um jovem soldado holando-belga olhava através do vale, desejando que seu país estivesse do lado francês. Um recruta inglês olhava como hipnotizado, os

músculos da face pálida tremendo. Contudo, mesmo para os veteranos ingleses, o espetáculo era absorvente, fascinante até. O Sargento Cotton sentiu um arrepio de emoção diante da idéia de que dois adversários valorosos como Wellington e Napoleão finalmente iriam defrontar-se.

Napoleão estava prestes a ordenar o bombardeio. Conseguira finalmente alinhar 71.947 homens, com 246 canhões de apoio. Do lado oposto estava Wellington, com 156 canhões e 67.661 homens. Um total de quase 140.000 homens e mais de 400 canhões, sem mencionar os 30.000 cavalos, estavam apinhados em menos de oito quilômetros quadrados. Nem Wellington jamais vira algo parecido.

A Batalha por Hougoumont

Os CANHÕES franceses abriram fogo às 11h 25m, com um rugido de explodir os tímpanos. Minutos depois, quando os aliados responderam ao fogo, a neblina transformou-se numa cortina grossa e venenosa de fumaça negra.

Os clarins aliados soaram ao longo de toda a colina ordenando que a infantaria se entrincheirasse. (Wellington foi um dos primeiros generais a insistir em proteger sua infantaria do fogo de artilharia.) Quando o Alferes William Leeke, um jovem de 17 anos que se engajara no 52.º de Infantaria havia apenas cinco semanas, viu algo serpenteando através do campo plantado, um sargento transmitiu-lhe logo sua

sabedoria de veterano: «Isto, Sr. Leeke», disse, muito professoral, «se nunca viu, é uma bala de canhão.»

As reverberações do canhoneio perturbaram o desjejum tardio do Marechal Grouchy, numa casa a 25 quilômetros de distância. Com seu Estado-Maior, ele saiu para o jardim, e todos aplicaram os ouvidos ao solo. O General Gérard não teve dúvidas:

— Temos de ir para os canhões.

— Isto não passa de uma escaramuça na retaguarda — objetou Grouchy.

Um dos maiores erros de Napoleão era dar ordens vagas e verbais. No passado, ele dependera do General Berthier, seu competente Chefe do Estado-Maior, para interpretar seus desejos e transformá-los em instruções breves e precisas. Mas Berthier recusara reunir-se a Napoleão depois da sua fuga de Elba — fato que Wellington dizia ser o «grande desastre» de Napoleão. O Imperador haveria agora de dar-se conta da importância da perda, pois pouco antes enviara a Grouchy uma mensagem altamente confusa: «Sua Majestade deseja que marche para Wavre, a fim de trazer para perto de nós...» Isto era um enorme contra-senso, de vez que Wavre ficava ao norte de onde estava Grouchy, e Napoleão se encontrava a oeste. Em consequência, Grouchy ignorou os canhões e resolveu cumprir a única parte da ordem que lhe parecia clara — «marche para Wavre». E Napoleão ficou sem

ele e seus 33.000 homens em Waterloo.

O grosso do bombardeio de Napoleão era dirigido sobre Hougoumont, pedra angular da ala direita de Wellington. Napoleão planejara atacar Hougoumont numa manobra diversionista, a fim de atrair tropas do centro das linhas aliadas. Mas seu irmão mais moço, o Príncipe Jerônimo, comandando o ataque, viu ali sua oportunidade de glória e agarrou-se a ela com as duas mãos. Sob a proteção de tropas lançadas em pequenas escaramuças, atirou quatro regimentos de veteranos contra o castelo. Os soldados abriram caminho, obstinada e sangrentamente, através da floresta em volta, do pomar e pelos muros do castelo acima. De seteiras que Wellington mandara rasgar nos muros de pedra do castelo, os Guardas e os hanoverianos de Macdonnell despejavam rajadas mortíferas sobre eles. Uma bateria de morteiros que o Duque posicionara logo atrás de Hougoumont despejava uma chuva de metal que passava por cima dos defensores e desabava sobre os atacantes. O fogo dos morteiros permitiu que um contra-ataque de infantaria recapturasse o pomar e parte da floresta.

O Príncipe Jerônimo tinha agora duas alternativas: dar a volta no bastião teimoso ou fazê-lo em pedaços. Não fez nenhuma das duas. Contra a opinião dos seus oficiais, convocou mais infantaria para apoiá-lo num segundo ataque frontal. Napoleão nada fez para impedi-lo.

No começo, os franceses tiveram um selvagem momento de êxito. Um subalterno gigantesco, de apelido o «Esmagador», conseguiu arrombar um painel do grande portão norte de Hougoumont e disparou para o pátio, seguido de um punhado de homens gritando como loucos. Houve um pandemônio. Os defensores lançaram-se de espada e machado sobre os invasores, em duelos desesperados. Mas o importante era impedir que mais inimigos atingissem o pátio. Cinco possantes Guardas—o próprio Macdonnell, três oficiais e um sargento—jogaram-se sobre o imenso portão e, pouco a pouco, à força bruta, conseguiram fechá-lo. Em seguida, voltaram suas atenções para os invasores. Não tardou que não houvesse no pátio qualquer francês vivo, à exceção de um jovem e solitário tamboreiro. O garoto foi mandado para um edifício onde estavam, lado a lado, dispostos em fileiras, os feridos dos dois exércitos, enquanto Macdonnell, todo manchado de sangue, arrastava uma trave imensa para barricar os portões.

«O êxito da batalha de Waterloo», diria Wellington mais tarde, «dependia do fechamento dos portões de Hougoumont.» Mas, no momento, ele tinha as mãos cheias com a reação obstinada de Jerônimo, que lançara novos batalhões sobre o castelo, agora tomando soldados das tropas frescas do General Maximilien Foy. Wellington respondeu mandando

para lá apenas mais quatro companhias de Guardas.

— Vamos lá, rapazes — ele comandou—vamos embora, não quero mais ver a cara de vocês!

Mas Jerônimo não desistia. Seu ataque, originalmente planejado como uma finta, sangrava lentamente o melhor de duas divisões do principal exército de Napoleão, contra apenas uma brigada de Wellington. Se Hougoumont podia agora ser considerado em segurança, outros setores do campo de batalha não o eram. Napoleão estava prestes a lançar importante ataque contra o centro das linhas aliadas na colina. Antevendo-o, Wellington meteu as esporas em *Copenhagen* e saiu pelos trigais em direção ao seu posto de comando.

Seus olhos aguçados já haviam percebido vultos distantes na borda da floresta, à sua esquerda. Era a vanguarda do exército prussiano. Mas já era uma e meia, e nove horas de luz haviam decorrido. Chegariam em tempo os vitais reforços de Blücher?

Do outro lado do vale, Napoleão e seus oficiais observavam também a tênue linha negra que emergia da floresta distante. O Imperador acabara de ditar mais um capítulo das suas confusas instruções a Grouchy. Acrescentou então um urgente pós-escrito: «Não perca um minuto em aproximar-se de nós.»

Sua vantagem, ele sabia, diminuía. «Ainda temos 60 contra 40 a nosso favor», disse ao seu Estado-Maior. Ele, Jerônimo e Grouchy

havam cometido sérios erros. Caberia agora ao lendário Marechal Ney corrigir a situação.

Vitória no Final

O GRANDE avanço de Ney foi saudado por nova salva de canhões. Uma bateria de pelo menos 80 peças recebeu ordens de amaciar o centro da linha inimiga, no terreno elevado. «Era tal a quantidade de balas de canhões», recordaria um tenente inglês, «que a gente quase podia ver o ar ondulado. Infelizmente para Napoleão, o terreno estava ainda tão empapado que muitas balas afundavam no chão, ao invés de ricochetear, e produziam apenas um vulcão de lama.»

A maioria dos soldados de Wellington escapou aos ferimentos pesados agarrando-se ao solo por trás do topo da colina que os protegia. Os holando-belgas da brigada do General Bylandt, entretanto, soldados europeus da velha escola, insistiam em permanecer eretos na colina, e seus casacos azuis e laranja transformavam-nos em alvos fáceis. Pagaram terrível preço quando o fogo concentrado francês varreu suas posições expostas.

Depois de martelar durante meia hora, Napoleão ordenou o ataque, e o magnífico corpo — 16.000 homens — do Conde d'Erlon pôs-se em marcha através do vale coberto de fumaça. Os soldados ardiavam por vingar-se pelas frustrações em Quatre Bras e Ligny. Formavam um quadro de fazer medo, descendo em densas

falanges com uma linha de 200 homens à frente, cada uma seguida de uma fileira de 24 ou mais homens. No entanto, muitos dos veteranos de Wellington balançaram as cabeças. Aquelas colunas compactas continham gente demais, eram difíceis de manobrar, e seu poder de fogo, restrito às duas primeiras linhas, era desperdiçado.

Quando os homens de D'Erlon começaram a galgar a colina, os canhões aliados abriram fogo mortífero sobre as formações. Contudo, seu primeiro assalto foi digno da *Grande Armée*. Avançaram sobre a Legião Real Alemã, isolada em seu posto avançado de La Haye Sainte. Os alemães recuaram dos pomares e jardins até aos edifícios da granja, os quais defenderam valentemente. Somente graças à coragem deles esse posto avançado vital foi apenas cercado, mas não vencido.

A infantaria de D'Erlon avançava, forçando o recuo de outras unidades aliadas, à esquerda de Wellington. Venceram o topo da colina e caíram sobre os já abalados holando-belgas de Bylandt. Mortos todos os seus oficiais acima de major, os homens de Bylandt conseguiram disparar apenas algumas balas perdidas, antes de fugirem em debandada.

No topo, a situação agora era crítica. Mas a divisão de infantaria ligeira comandada por Sir Thomas Picton estava esperando para ocupar o vazio deixado pelas tropas de Bylandt. Picton, um veterano que guerreava de cartola, tivera várias

costelas partidas em Quatre Bras, estava cheio de dores, mas ainda conseguia rugir suas ordens. Sir Denis Pack passava-as aos Gordon Highlanders: «O 92.º tem de avançar! Já não há ninguém à frente dele!» A brigada de Pack — Gordons, Black Watch e o 44.º — fora reduzida em Quatre Bras a 1.400 homens, mas lançou-se de baioneta sobre 8.000 infantescos franceses, enquanto a brigada de Sir James Kempt disparava rajadas à queima-roupa. Picton comandava pessoalmente a primeira linha de Kempt.

— Carregar! — ele rugia, agitando a espada. — Hurra! Hurra! — Em seguida, vendo os Gordons hesitarem diante do peso das formações de D'Erlon, ele gritou para Kempt: — Reúna os Highlanders!

Foram as suas últimas palavras. Uma bala varou sua famosa cartola e atingiu-o na têmpora. Já estava morto quando caiu do cavalo.

Para Napoleão, que não parava de andar em seu posto de comando, parecia que D'Erlon já tomara o alto da colina e que a vitória estava à vista. Nesse momento crucial, com a batalha por um fio, os Gordons viram subitamente entre eles enormes cavalos cinzentos e brados exultantes por sobre suas cabeças: «Hurra! Viva o Noventa e Dois! Viva a Escócia!»

Eram os Greys escoceses. Percebendo que o contra-ataque de Picton seria destruído a menos que recebesse apoio imediato, Wellington havia lançado ao combate o peso

conjunto das brigadas Union e Household de cavalaria pesada (que incluíam os magníficos Greys). Ele comandava pessoalmente os Life Guards: «Agora, cavalheiros, pela hora dos soldados de Household!»

Fúria Incontrolável

QUANDO soaram as 10 clarinadas concitadoras ordenando a carga, a cavalaria entrou numa torrente que abalava a terra. Na véspera, não lhes tinha sido permitido lutar em Quatre Bras, e eles estavam loucos para entrar em ação. Com seus famosos elmos enfeitados com crina de cavalo e plumas, os Life Guards e os Dragões do Rei caíram sobre os couraceiros comandados por Ney, que tinham vindo em apoio à infantaria francesa. O fragor das espadas inglesas contra os peitorais franceses fizeram Lord Edward Somerset pensar em mil ferreiros malhando ao mesmo tempo. Shaw, dos Life Guards, atingiu uma cabeça com tamanha violência que a face «se abriu como uma maçã em duas metades». Por toda a parte, homens e cavalos grandes acoassavam os cavaleiros franceses, mais leves, até que eles deram a volta e debandaram, alguns lançando-se, desvairados, sobre a sua própria infantaria.

O cavaleiro Dickson, na sua gigantesca égua *Rattler*, viu-se disparando loucamente por uma estrada. «Sentia uma estranha emoção percorrer-me, e estou certo de que meu valoroso animal estava expe-

rimentando algo parecido, pois, após ter recuado um instante, deu um salto à frente, relinchando violentamente, e lançou-se sobre as moitas de azevinho a terrível velocidade.»

Desbaratado o ataque de Ney, a cavalaria inglesa foi presa de fúria incontrolável. Correr pelo vale já não significava nada. Lançaram-se em escalada pelo lado oposto, penetrando fundo nas linhas inimigas. Clarins tocavam a reunir — o imperioso *staccato* que ordena alto e reunião — mas ninguém ouvia. Duas águias francesas — os estandartes imperiais de Napoleão — foram capturadas, e 15 ou mais canhões franceses foram destruídos, com os artilheiros franceses sentados, chorando, nas suas rodas. *Rattler*, a égua de Dickson, ficou tão louca como o seu dono, mordendo e rasgando tudo à sua frente, até cair, várias vezes ferida, aparentemente morta.

«Como lutam esses terríveis cavalos cinzentos», comentou Napoleão em seu posto. E ficou observando a inevitável reação, quando a sua própria cavalaria cercou as isoladas brigadas pesadas inglesas.

Subitamente, Dickson percebeu que todo o vale atrás de si estava coalhado de soldados franceses. Havia sido separado das suas tropas.

«Vamos embora, rapazes, este é o caminho de casa!» Dickson teve a sorte de encontrar um cavalo solto que o conduziu às linhas aliadas — e encontrou a sua *Rattler*, recuperada mas muito ferida, à sua espera. Mas, de 300 de seus cama-

radas, 279 não voltaram, bem como 16 de 24 oficiais. O coronel que os comandava fora visto pela última vez com os dois braços baleados e as rédeas entre os dentes. Todas as brigadas pesadas sofreram severas perdas. Um capitão de cavalaria, antes de cair, teve três cavalos mortos. «Minha querida e amada», escreveu ele, triste, à sua mulher, no dia seguinte, «todos os meus valentes soldados foram feitos em pedaços.»

Ney e D'Erlon haviam sido detidos, mas a um custo fantástico: 4.500 infantes ingleses e holando-belgas e 2.500 cavaleiros—um quarto do total — mortos. Quando os Life Guards sobreviventes regressaram, Wellington saudou-os tirando o tricórnio e com um caloroso «Guardas, eu vos agradeço!» Mas o comandante da sua cavalaria, Lord Uxbridge, jamais se perdoaria ter perdido o controle durante a famosa carga.

De positivo, jamais uma cavalaria destruíra uma tão grande infantaria formada. Quando os relógios na aldeia distante marcaram as três horas, não havia um francês vivo na colina. A infantaria aliada estava de volta a seus postos, diante da colina, à esquerda. Ao centro, no posto avançado de La Haye Sainte, a Legião Alemã mantinha-se firme. Hougoumont, embora em chamas, estava salvo. E Wellington acabava de perceber a vanguarda dos prussianos que se aproximavam. Mais tarde, ele observaria: «O tempo que levaram para chegar parecia interminável. Eles e o meu relógio pareciam parados.»

Através de uma mensagem de Grouchy, Napoleão ficou sabendo que os seus reforços não chegariam a tempo. Diante disso, o Imperador avançou seu posto de comando de Rossomme para uma estalagem chamada La Belle Alliance, apenas a um quilômetro de onde se encontrava Wellington, e rispidamente ordenou a Ney que lançasse imediatamente tudo o que tivesse contra o centro das linhas aliadas — antes que Blücher chegasse.

«Os Ingleses Estão Liquidados»

WELLINGTON derrotara Ney na Espanha e escapara-lhe em Quatre Bras. Agora, o sangue do marechal ruivo fervia. Em apoio ao seu segundo assalto, ele optou por mais um violento bombardeio, depois do qual lançaria uma carga de cavalaria ligeira sobre o inimigo desmoralizado. Menos potente e menos numerosa, a artilharia de Wellington respondeu ao fogo, mas a sua infantaria, embora protegida, sofreu pesadas perdas. «Na Espanha não tivemos nada disto», um sargento pálido gritou ao seu oficial superior, enquanto uma tempestade de metal varria as linhas aliadas. Um capitão inglês viu explodir uma série de carroças de munição às suas costas, mas era tal o fragor do bombardeio que a explosão pareceu quase silenciosa. «Nem os mais veteranos soldados jamais tinham ouvido um tal bombardeio», disse depois o General Charles Alten, da Legião Real Alemã. Realmente, o bombar-

deio francês era o mais poderoso que o mundo já conhecera.

Sob o martelar espantoso, Wellington fez recuar 100 metros parte das suas linhas. Para o impetuoso Ney, esse recuo parcial, mais a torrente de feridos e prisioneiros abrigoando-se na retaguarda aliada, pareceu uma retirada. Imediatamente fez sair 4.500 cavaleiros no que acreditava firmemente ser uma perseguição.

Quando cessaram os canhões e os cavalos franceses apareceram, incrédulo, Wellington percebeu que Ney atacava a sua infantaria ainda formada apenas com a cavalaria! Quando soou na colina a ordem de «Preparar para receber a cavalaria!» seus soldados rapidamente formaram em quadrados defensivos. Diante deles foram postados ninhos de artilharia. O Duque lembrou aos seus bem treinados artilheiros que ficassem atirando até ao último momento e em seguida corressem para o quadrado mais próximo, levando consigo uma roda de cada canhão imobilizado.

Os cavalos franceses arrastavam-se através da lama profunda e movediça. Bolas de ferro disparadas pelos canhões e a fuzilaria à queima-roupa abriam terríveis claros, mas os sobreviventes prosseguiram avançando por sobre os mortos e feridos, rindo-se diante dos canhões abandonados e dos artilheiros em fuga. Em La Belle Alliance, os oficiais de Napoleão soltavam gritos de alegria: «Os ingleses estão liquidados! O general deles é um idiota!

Perdeu a cabeça. Vejam! Estão abandonando os canhões!»

Os quadrados de infantaria estavam apenas a 30 metros agora. As pistolas disparando, os sabres reluzindo, a cavalaria francesa lançou-se para destroçar um inimigo que, pelas leis napoleônicas de guerra, deveria estar paralisado de terror e a ponto de desmoronar. No momento seguinte, rajadas de mosquetes caíam como granizo de fogo sobre homens e cavalos. Cavaleiros caíam e rolavam, cavalos atropelavam cavaleiros, cavalos sem cavaleiros mergulhavam enlouquecidos na frenética confusão.

Não fora em vão que os veteranos de Wellington haviam passado cinco anos lutando na Espanha e em Portugal. As linhas de frente de cada quadrado impiedoso ajoelhava-se, com a coronha dos mosquetões firmemente plantada no chão, as baionetas apontadas para o alto e para a frente, num aguçado muro de facas que lacerava cruelmente os cavalos franceses que corriam à volta dos quadrados. Por cima das baionetas serrilhadas, duas linhas de mosquetões disparavam, carregavam e disparavam de novo.

Dentro dos quadrados, o horror era total: o cheiro de pólvora e de cartuchos de papel queimados, pilhas de mortos, manchas de sangue empapando a terra. «Aguentem firmes, soldados!» era a ordem, enquanto crescia o número de vítimas. Cada vez que caía um casaco vermelho, seus companheiros arrastavam-no para o interior do

quadrado e cerravam fileira; os quadrados não cederam um centímetro. Na menor abertura do seu tabuleiro de xadrez, Wellington enfiava a cavalaria em contra-ataque.

Finalmente, Ney recuou suas colunas destroçadas para reagrupar. Imediatamente os artilheiros aliados saíram correndo dos quadrados, empurrando as rodas dos canhões, remontaram suas armas e passaram a despejar mortíferas rajadas sobre a muralha de costas francesas em retirada. Inexplicavelmente, os franceses não haviam inutilizado os canhões ingleses «capturados», agora prontos a seguir moendo os cavaleiros quando estes tornassem a atacar.

A confiança de Wellington era maior que nunca. Eram 4h 20m, e ele acabava de ouvir o primeiro canhão prussiano abrindo fogo à sua esquerda. Mas Ney, «o mais bravo dos bravos», estava apenas começando. Embora Napoleão soubesse que Ney lançara a cavalaria cedo demais e relutasse em lançar mais uma série de cargas, cedeu às pressões do seu marechal, que pedia mais soldados. A cavalaria pesada do General François Kellermann — 5.000 homens — a última reserva de Ney, recebeu ordens de avançar para o próximo ataque. Kellermann protestou energicamente. Mas era tal a loucura entre os dois exércitos em Waterloo que um de seus ajudantes ordenou que os «pesados» franceses tomassem posição enquanto Kellermann continuava discutindo com Ney.

Enquanto isso, Wellington corria

de um lado para o outro, arrumando suas linhas e encorajando os soldados. Embora alguns de seus ajudantes mais jovens estivessem começando a ficar desencorajados diante do novo e ameaçador ataque que se organizava do outro lado do vale, veteranos como o Coronel Andrew Barnard jamais tiveram dúvidas sobre a vitória do Duque. «Nós sentíamos», disse Barnard mais tarde, «que enquanto ele estivesse ali nada sairia errado.»

Quando foi lançada a nova onda de ataques de Ney — outra vez um ataque frontal, sem apoio de infantaria — o Duque deu-se conta de que Napoleão jamais lhe dera a honra de estudar suas táticas na Espanha e em Portugal. Sua infantaria, a melhor do mundo, seria pulverizada como qualquer milícia européia de antes de 1814.

— O camarada é louco! — ele exclamou, voltando-se para Barnard. — No fim das contas, não passa de um martelador.

Com a violência de um vendaval, o martelar repetia-se sem parar. Um quadrado anotou 23 ataques, embora a média fosse de sete ou oito. Esquadrões franceses, um após outro, subiam disparados a colina escorregadia, giravam à volta e por trás dos quadrados cercados de baionetas, e retrocediam, desgastados, de volta ao vale. Desvairado, Ney foi visto através da névoa da batalha surrando com a espada um canhão inglês abandonado. Seu quarto cavalo havia sido morto debaixo dele.

O Duque era visto por toda a parte ao longo das linhas aliadas — agitando seu tricórnio, ordenando que avançassem os Guardas a Cavalos, cavalgando «lento e calmo», como o descreveu um tenente da Legião Alemã, enquanto seus ajudantes corriam por todo o lado, ou montado «perfeitamente à vontade» em *Copenhagen*, embora muito pálido. Onde quer que aparecesse, ouvia-se um murmúrio de «Silêncio... olhar à frente... olha o Duque!» e todo o mundo permanecia ereto como num desfile.

Mais desesperada a situação, mais animado ele parecia. «Ah! Assim é que eu gosto de ver movimentar-se a artilharia a cavalo!» ele gritava como calorosa aprovação à vista de artilheiros galopando para reforçar o «muito atenuado» setor das suas linhas onde os inexperientes alemães dos batalhões de Brunswick estavam cedendo. Somente quando já eram mais ou menos 5h 45m foi que, finalmente, Ney lançou um ataque conjunto com a cavalaria e a infantaria. A essa altura, sem as suas dizimadas brigadas pesadas, a cavalaria do Duque estava enfraquecida demais para contra-atacar decisivamente — especialmente quando um regimento da cavalaria holando-belga se recusou a atacar e os hussardos de Cumberland, de Hanover, em pânico, saíram a galope do campo e fugiram para Bruxelas.

Mas o ataque de Ney vinha tarde demais para retificar o seu anterior e desastroso desperdício de cavalaria. Os quadrados aliados, embora

reduzidos, mantiveram-se firmes ao longo de toda a colina. Incapazes de penetrá-los, as colunas francesas foram arrasadas pela artilharia e pelos mosquetões dos Guardas e da Brigada Ligeira. Foi o comandante da Brigada Ligeira, Frederick Adam, que, cavalgando ao lado de Wellington, ouviu-o dizer como para si próprio: «Afinal de contas, acho que vamos derrotá-los.»

Napoleão sabia que, agora, suas probabilidades estavam seriamente diminuídas. Seus regimentos de linha estavam destroçados, sua cavalaria devastada — e as primeiras unidades prussianas começavam a chegar em massa. Ele cavalgou para a direita e para a esquerda, diante de La Belle Alliance, em meio a tiros e bombas, analisando a situação de Wellington. Restava uma oportunidade para uma arrancada decisiva. A qualquer custo, Ney *tinha de tomar* La Haye Sainte. Controlando os sólidos prédios da granja, a apenas uns 300 metros das linhas de Wellington, Napoleão lançaria um ataque apoiado por artilharia que não poderia deixar de esmagar o já abalado centro das linhas aliadas.

O Centro Desaba

ATÉ ENTÃO, a tenaz guarnição de La Haye Sainte se aguentara, com coragem e engenho. Eram 376 homens, todos da Legião Real Alemã, comandados por um oficial inglês, o Major George Baring. Não era de engenho que precisavam agora, mas de munição. Cada um deles começara o dia com 60 tiros,

e estavam reduzidos agora a quatro ou cinco. Corriam boatos de que uma carroça trazendo abastecimento fora destruída.

Mais que nunca resolvido a consegui-lo ou morrer tentando, espumando de ódio e frustração, Ney assumiu o comando de uma força conjunta de infantaria, cavalaria e artilharia. Da granja, as balas acertavam os atacantes um a um, mas os que vinham atrás escalavam os muros por sobre pilhas de cadáveres, para atirar nos defensores no pátio. Gasto o último cartucho, a Legião Real Alemã recorreu às baionetas. Mas a maré não pôde ser contida, e os franceses caíram em ondas sobre eles. Dos 376 heróicos defensores alemães, somente 43 sobreviveram.

Caída a fortaleza, o centro das linhas de Wellington ficava à mercê de Ney — e o marechal tirou partido máximo da sua vantagem. Despachou multidões de soldados para escaramuças que logo encobriram como nuvens as ladeiras devastadas — e Wellington já não dispunha de cavalaria pesada suficiente para detê-los; atrás deles, Ney mandou uma bateria de canhões pesados tomar a posição a menos de 300 metros das linhas aliadas e abrir uma mortífera barragem. Cavalgando junto do seu chefe — seu braço esquerdo e o braço direito de Wellington se tocando — Lord Fitzroy Somerset teve o braço direito arrancado por uma bala. Embora a maioria dos seus ajudantes-de-campo tivessem morrido, a Providência continuava, sem dúvida, a

velar cuidadosamente pelo Duque.

A crise se agravava. Os batalhões de reserva eram inexperientes e de pouca confiança, e pouco restava dos quadrados de veteranos sob comandantes como Pack, Kempt e o General Colin Halkett.

— Então, Halkett, como vamos? — perguntou o Duque, o rosto pálido mas frio como mármore, em meio à tempestade de bombas.

— *My lord*, nós estamos aos pedaços. Não pode nos mandar render um pouquinho?

— Impossível.

— Muito bem, *my lord*, resistiremos até cair o último homem.

Denis Pack recebeu as mesmas ordens: aguentar até ao fim. Um esperto artilheiro inglês, com uma boa visão de Napoleão, sugeriu uma solução rápida: — Lá está Bonaparte, Sir, e eu acho que consigo acertá-lo. Posso atirar?

O Duque ficou horrorizado.

— Não, não — disse. — Generais comandando exércitos têm mais que fazer do que ficar atirando uns nos outros.

Restava ver agora quem suportaria o morticínio durante mais tempo. A artilharia do Capitão Mercer, que tivera tão brilhante atuação na batalha dos quadrados, estava em ruínas, seus cavalos mortos caídos sobre canhões esmagados pelo fogo francês, seu comandante zozzo e surdo pelas explosões. O frenesi do começo do dia, gerado pelas sucessivas cargas e contracargas, desaparecera completamente sob o esmagamento metódico na colina.

Os sinais de que o centro aliado desabava eram evidentes para Ney. Ele enviou ao Imperador um apelo urgente pedindo reforços, a fim de desfechar o *coup de grâce*. Napoleão hesitou. Pensou na infantaria de D'Erlon e na cavalaria de Ney, ambas destruídas. Deitar uma cabeça sadia num travesseiro doente? Era o momento de decisão de Napoleão. Ele atendeu aos apelos dramáticos e mandou reforços para o General Georges de Lobau, empenhado em combate com os prussianos à sua direita — e recusou o pedido de Ney com palavras tão petulantes que faz pensar que ele já sabia ter tomado a decisão errada: «Soldados? E de onde você acha que eu vou tirá-los? Espera que eu os fabrique?»

Com essas palavras, deitou fora sua chance de vitória.

A recusa a Ney provocou um intervalo. Somente a artilharia de Napoleão continuava bombardeando a colina. Wellington aproveitou-se da pausa desesperadamente.

A um ajudante, ordenou: «Arrebanhe todos os soldados alemães que puder trazer para cá e todos os canhões que conseguir encontrar.» Sua tarefa mais urgente era tapar o enorme buraco no centro das suas linhas e acalmar ali os que tremiam. Finalmente os batalhões de reserva tomaram posição e o centro foi reforçado. Sir Hussey Vivian deliberadamente postou sua cavalaria ligeira atrás da infantaria, «com os intervalos fechados», como um dos cavaleiros escreveria mais

tarde, de forma a bloquear o caminho de Bruxelas aos infantezos inexperientes.

Por toda a colina, Wellington continuava em atividade, freando *Copenhagen* onde quer que fosse maior a tensão, com uma palavra de cautela ou de encorajamento.

— E vamos ficar aqui para sermos massacrados? — um grupo de veteranos ansiosos gritou-lhe, brandindo as baionetas. — Vamos atrás deles!

— Esperem mais um pouquinho, rapazes — ele gritou de volta — e logo estaremos sobre eles. — Aos oficiais, acrescentou: — Vai ser duro, cavalheiros. E será de quem bater mais e mais duro.

Ele sabia o que vinha depois. Até então, nenhum infante, só uns poucos cavaleiros, da famosa Guarda Imperial de Napoleão, havia sido lançado contra ele. Mais cedo ou mais tarde, *La Garde* teria de aparecer.

O Desastre dos «Imortais»

OS REFORÇOS que Napoleão recusara a Ney haviam estabilizado as posições francesas contra os prussianos, a leste. Era hora de atacar a oeste, com a Guarda.

O próprio Napoleão comandou os seus «Imortais» — granadeiros e caçadores da Guarda Média, apoiados pelo que restava das infantarias de D'Erlon e do General Reille — um total de 15.000 homens. Montando o seu cavalo branco, levou os granadeiros até La Haye Sainte, e ali os entregou ao Marechal

Ney. Ferviam de emoção: «*Vive l'Empereur!*» eles rugiam sem parar, em êxtase e orgulho, alegria e gratidão. Sabendo que circulavam notícias de um avanço prussiano, o Imperador ordenou a um ajudante que anunciasse a chegada de Grouchy. Logo as palavras animadoras, porém falsas, percorriam as linhas francesas: *Soldats, voilà Grouchy! Vive l'Empereur!*

A infantaria aliada, mesmerizada, ficou olhando enquanto a Guarda, parecendo uma raça de gigantes, emergia da fumaça para atacar a colina. Mas os artilheiros ingleses e alemães imediatamente abriram claros nas colunas densamente compactas, cada coluna com uma linha de frente de 80 homens. A cada impacto, as fileiras da Guarda balançavam como milho soprado pelo vento, mas nem um único homem recuou. Cerravam fileiras e avançavam firmes em direção à morte. Os oficiais comandantes da Guarda brandiam suas espadas, e Ney, negro de fumaça e desmontado pela quinta vez, galgava a pé a colina enevoadada.

Os veteranos ingleses do General Halkett suspenderam o fogo. Impiedosamente, escolhiam alvos nas fileiras de longos casacos azuis, ainda maiores com suas dragonas e as mochilas onde levavam os uniformes de gala para a esperada marcha da vitória sobre Bruxelas. As plumas vermelhas nos seus altos e peludos barretes de pele de urso agitavam-se ameaçadoras. «Mas não têm garras», murmurou um oficial inglês para si mesmo.

À direita da brigada de Halkett estava Wellington, com o 1.º de Infantaria do General Peregrine Maitland, os soldados deitados atrás da colina, invisíveis aos franceses que avançavam. Um deles, o elegante Alferes Rees Gronow, não pôde deixar de lembrar-se que os guerreiros que se aproximavam eram «os heróis de muitas vitórias memoráveis». Ele estava desconfortavelmente a par de que a Guarda jamais fora derrotada num ataque. Atrás de Gronow, o Alferes Leeke conseguia concentrar seus pensamentos ao ritmo dos tambores que acompanhavam o terrível avanço.

De repente, Wellington deu a volta em *Copenhagen* e galopou em direção da brigada de Halkett. Ali, aos berros, ele trouxe de volta dois batalhões de Brunswick que haviam fugido, e esporeou o cavalo de volta ao ponto onde os Guardas a Pé, de Maitland, estavam ocultos.

Os franceses encontravam-se a apenas 60 metros do topo. Não viam nada a opor-se-lhes, a não ser a artilharia aliada. Atrás da colina, o silêncio era de morte. Nesse momento, Wellington alertou Maitland: «Agora, Maitland, é a sua vez!» O inimigo cobriu outros 20 metros antes de Wellington dar a ordem final: «De pé, Guardas!» De um salto, ergueram-se 1.500 homens, como saídos do chão, forçando os espantados franceses a uma parada momentânea. «Apontar! Fogo!» As longas fileiras de mosquetes ingleses alvejaram os franceses a 20 metros. À primeira salva, 300 Guardas

Imperiais caíram. Do flanco direito, os homens de Halkett abriram fogo. Incapazes de manobrar devido à formação compacta, as colunas francesas começaram a ceder. De repente, os homens de Maitland estavam atirando nas costas dos longos casacos azuis.

— É a vossa vez, meus garotos!— eles ouviram o seu coronel comandar.

Sem esperar por nova salva, os ingleses atacaram à baioneta, mas, antes de se organizarem no campo de batalha, o inimigo havia dispersado. E quando conseguiram se reagrupar e retornar ao topo da colina, outro regimento havia tomado os lugares, com fantástica rapidez, para acabar com a Guarda.

Conhecendo bem as táticas de Wellington, aprendidas em árduas campanhas espanholas, o Coronel John Colborne, do 52.º de Infantaria, não hesitou em atacar, embora sem ordens, quando achou necessário. Deixando o esconderijo, inteligentemente, ele conduziu seus homens em volta e despejou salva sobre salva de mosquetões sobre os flancos franceses. Incapazes de manobrar, os caçadores recuaram diante do ataque inesperado. Num instante as baionetas de Colborne estavam brilhando e correndo com o inimigo pelos campos.

Wellington imediatamente apoiou a perseguição com quantos homens tinha. Quando Colborne, achando-se muito distanciado do seu apoio, se preparava para ordenar um alto temporário, ouviu ao seu lado a

voz do Duque gritando: «Muito bem, Colborne! Muito bem! Não se preocupe, vá em frente, vá em frente! Não lhes dê tempo de reagrupar. Eles não aguentam!»

Não eram apenas os regimentos de linha, mas a própria Guarda que não aguentaria. Quando o resto dos franceses, já desmoralizados pelas derrotas anteriores, percebeu a terrível verdade, ouviu-se um grito de horror que jamais o Exército de Napoleão ouvira antes: *La Garde recule!*

Algo dizia a Wellington que o «magnífico arreio» deles se havia partido, e, ao contrário da sua corda cheia de nós, uma vez partido não podia ser emendado. O melhor exército do mundo fora detido, seus estandartes ainda agitando, o sol poente piscando nas lanças e nos peitorais. No fundo do vale, Hougoumont seguia ardendo e seguia de pé. As macieiras estavam feitas em pedaços, mas o jardim jamais trocara de mãos.

«Está vendo, Macdonnell aguentou Hougoumont!» Com esse brado de triunfo, o Duque tomou as rédeas de *Copenhagen* e galopou, com Uxbridge, na direção do cruzamento. Vinha agora a última crise de Waterloo.

«Cada Um Por Si!»

AINDA não eram oito horas da noite, e restava uma hora ou mais de luz. O exército de Wellington estava reduzido a 35.000 homens — todos testados na defesa e an-

siosos por atacar. O exército francês estava abalado, mas não liquidado. Napoleão tinha ainda um pouco da Velha Guarda em reserva. Outras tropas suas haviam desalojado de Plancenoit os prussianos do General Friedrich von Bülow, entrincheirando ali a Jovem Guarda.

Mas Wellington, varrendo com o telescópio, pela centésima vez, os montes à sua esquerda, viu a ala direita do inimigo subitamente balançar sob um fogo cruzado. Em seguida começou a cair, e logo rompeu em fuga! Todo o exército aliado esperava, espantado, quando um dos ordenanças do Duque apareceu disparado, quase sem ar, galopando ao longo da linha: «A vitória é nossa!» ele berrou. «Os prussianos chegaram!»

Os Highlanders e mais todos os regimentos perto de Wellington tinham os olhos fixos no Duque. Em seu posto de comando, ao lado da árvore, de pé nos estribos, um súbito raio de luz do sol poente iluminou a expressão inesquecível e indescritível do seu rosto. Era o momento decisivo, e todos os soldados o sabiam. Alguns aconselharam apenas ações limitadas. O Duque era de outra opinião.

«Ao Diabo!» ele exclamou. «Perdido por um, perdido por mil!» Arrancando o tricórnio, agitou-o três vezes em direção dos franceses. Num instante, seu sinal foi entendido. Três hurras ensurdecedores, de alívio e exultação, explodiram dos seus regimentos mais distantes, que, liderados pela cavalaria ligeira,



largaram-se pela planície. Somente um regimento britânico não participou do ataque. O 27.º de Infantaria permaneceu quieto atrás da colina. No quadrado formado, estavam todos mortos.

O Duque meteu as esporas no cavalo e lançou-se ao centro da confusão, ordenando aos oficiais sobreviventes de cada regimento que comandassem a carga. Quase nenhum canhão francês continuava



NEIDERSACHSISCHES LANDESMUSEUM, HANNOVER

O cerco de La Haye Sainte, de Alfred Northern

atirando. Mas um dos últimos tiros de canhão a cruzar os campos passou sobre o pescoço de *Copenhagen* e foi atingir o joelho de Uxbridge.

— Meu Deus, perdi a perna!

— Pobre de você, meu Deus! — disse o Duque.

Ele abaixou o telescópio e ficou segurando o seu valente subcomandante até que viessem buscá-lo. Saiu então a galope.

Ele voltou-se para Frederick

Adam, o comandante da Brigada Ligeira, que cavalgava ao seu lado:

— Adam, você tem de desalojar aqueles camaradas — ordenou, apontando para um grupo de infantaria e artilharia inimiga que se reagrupava num monte do lado oposto.

Eles é que haviam derrubado Uxbridge. A brigada de Adam lançou-se ao ataque, e o bombardeio cessou para sempre. Em seguida, os hussardos ouviram a voz de

comando de Sir Hussey Vivian:

— Décimo oitavo, atrás de mim!

— Até ao Inferno! — responderam.

Os três regimentos de hussardos, o 18.º, 7.º e 10.º, carregaram furiosamente colina abaixo, com o 18.º capturando uma bateria francesa em La Belle Alliance, os outros dois demolindo um quadrado da Guarda Imperial, embora com terríveis perdas. Até os mortos infligiam ferimentos, pois os milhares de espadas e baionetas espalhadas pelos campos cortavam os cascos dos cavalos.

Em La Haye Sainte, os Highlanders desceram sobre a granja como «uma legião de demônios», varrendo os franceses diante deles e juntando-se aos primeiros soldados prussianos na estrada de Bruxelas. Para sorte dos Highlanders, suas boinas e saiotes diferenciavam-nos dos franceses. Outras unidades dos exércitos de Wellington e Blücher haviam sido dizimadas pelos seus próprios aliados. Uma banda prussiana começou a tocar *God Save The King* («Deus Salve o Rei»), enquanto os ingleses respondiam com *Num danket alle Gott* («Damos Todos Graças a Deus»).

No centro do combate encontrava-se sempre o Duque, espo-reando seu cavalo sobre os trigais empapados de sangue e as moitas de arbustos destruídas. Seus oficiais imploravam que se protegesse: «Sua vida é valiosa demais para ser desperdiçada.» Mas o Duque não ligava aos apelos: «Não se preocupem, deixem-nos atirar. A batalha está

ganha. Minha vida agora não conta.»

O horror paralisante com que o exército de Napoleão assistira a Guarda Imperial ceder transformou-se rapidamente em pânico. Nada que o Imperador ou Ney fizessem poderia impedi-lo. Aos gritos de «Cada um por si!» os franceses dispersaram e saíram correndo. Ney permaneceu no campo de batalha, seu uniforme roto e manchado de sangue, uma espada quebrada na mão, e gritava para D'Erlon: «Se eles nos pegarem, você e eu seremos enforcados!»*

Pálido, mas resoluto, Napoleão formou a reserva da sua Velha Guarda em quadrado, a fim de deter a torrente de homens em fuga. Impossível. Entretanto, mesmo no desastre era magnífico, e os soldados ingleses, estáticos, ficaram olhando enquanto um regimento de *La Garde*, em meio ao caos, deixava o campo, majestático, em formação.

Napoleão fugiu do campo de batalha a cavalo. Foi encontrar sua elegante carruagem azul e dourada em Genappe, mas, antes que os cavalos pudessem ser ensilhados, ouviram-se os prussianos. Abandonou o carro às pressas, tornou a montar e, com sua escolta de Lanceiros Vermelhos mantendo outros fugitivos à distância, abriu caminho através de Quatre Bras.

* Mais tarde, Ney seria julgado por crime de traição pelos realistas franceses e executado no dia 7 de dezembro de 1815. Drouet d'Erlon, por sua vez, teve brilhante carreira e tornou-se Governador-Geral da Argélia.

Chegou à fronteira da França na manhã do dia seguinte, pálido, furioso, chorando seu exército perdido.

O Campo Arrasado

ESTAVA quase escuro quando o Duque saiu para encontrar-se com «aquele excelente sujeito» que cumprira sua promessa de chegar a tempo a Waterloo. O Marechal

Blücher fizera questão de comandar seus prussianos na longa marcha até Waterloo. Ele teria preferido ir amarrado ao cavalo a perder a batalha.

— *Mein lieber Kamerad!* — gritou Blücher, abaixando-se no cavalo para beijar o Duque. Em seguida passou a falar francês, o idioma do inimigo comum e único meio de comunicação entre eles: — *Quelle affaire!*

Com o consentimento de Wel-

*De La Belle Alliance, Napoleão observa o terreno.
Tela de Sir William Allan*

MUSEU WELLINGTON. REPRODUÇÃO POR CORTESIA DO MUSEU VICTORIA AND ALBERT



lington, a perseguição aos franceses foi entregue inteiramente aos prussianos. Embora ambos os exércitos aliados estivessem exaustos, o do Duque o estava mais. O subcomandante de Blücher, Conde August von Gneisenau, lançou-se rapidamente ao que chamou «uma caçada ao luar». Os franceses foram tocados adiante dele, sem trégua nem quartel, até meio caminho da fronteira da França. «Foi a melhor noite da minha vida», diria Gneisenau mais tarde.

Para Wellington, foi a pior. Enquanto caminhava ao lado de *Copenhagen*, silencioso, de volta à aldeia de Waterloo, os campos enlurados de ambos os lados da estrada estavam literalmente cobertos de cadáveres e moribundos, cavalos, armas, elmos, bonés, cinturões e plumas. Aqui e ali, um ferido erguia-se nos pés e fugia ou a sombra sinistra de um ladrão inclinava-se sobre um cadáver. Faxineiros em aventais cinzentos fizeram o possível para recolher as baixas, mas era demais: as perdas totais de Wellington subiam a perto de 15.000. Os franceses haviam perdido 25.000, entre mortos e feridos, e os prussianos mais de 7.000. Ao todo, entre 40.000 e 50.000 mortos e feridos cobriam aquele pequeno campo arrasado.

Estava-se ainda muito próximo dos acontecimentos do dia para que Wellington pudesse sentir mesmo uma sombra de consolo. Estava em estado de choque emocional. Chegando à sua estalagem às 11 horas

da noite, dirigiu-se a uma mesa posta para ele e seus oficiais. Mas foi uma refeição triste. Somente um camarada espanhol foi sentar-se com ele. Cada vez que a porta abria, Wellington levantava os olhos ansiosos. Seria algum dos seus oficiais desaparecidos? Quando finalmente perdeu as esperanças, ergueu ambas as mãos e disse: «A mão de Deus Todo-Poderoso pousou hoje sobre mim.»

Saiu da mesa, deitou-se num banco, e logo dormia profundamente. Pela primeira vez na vida, o cuidadoso Duque estava cansado demais para lavar-se.

Foi despertado às três horas da manhã pelo seu médico particular, com a notícia de que Alexander Gordon, seu ajudante-de-campo favorito, acabara de morrer. Wellington estendeu a mão ao médico — seu velho companheiro — que a ficou segurando enquanto ele lia a longa lista de baixas que chegara depois da meia-noite. Era ainda pior do que o Duque suspeitara. Sentindo gotas de lágrimas na mão, o médico olhou e viu-as descendo pelo rosto do Duque, abrindo sulcos na poeira misturada ao suor. Enxugando-as com a mão, disse Wellington, com a voz alquebrada: «Graças a Deus, eu não sei o que é perder uma batalha; mas nada há-de ser mais doloroso que ganhar uma com a perda de tantos amigos.»

Antes das cinco horas da madrugada, o Duque estava a caminho de Bruxelas, de onde mandaria o

relato da sua vitória, já meio redigido no seu bolso. Em seu quartel na capital belga, avistou um velho conhecido, a quem deu a notícia em rápidos e objetivos monossílabos, mas sem uma ponta de orgulho: «Foi um assunto muito sério... a coisa mais bem feita que você já viu em sua vida.»

Andando para um lado e para outro, não cessava de elogiar seus soldados e de exprimir seu espanto pela coragem deles. Quando repetiu como tinha sido «bem feita», seu interlocutor perguntou se teria sido porque os franceses haviam lutado

melhor que o normal. «Não», o Duque disse, «não fora isso. Eles sempre lutavam com a mesma valentia.» Deixou-se ficar pensando no conflito, nas crises de Hougoumont e La Haye Sainte, na atenção permanente para os problemas, galopando sobre eles, reagrupando os temerosos, sob tiros e bombas—e sob «a mão de Deus Todo-Poderoso». Tudo dependera de uma só vida. Finalmente, a verdade surgiu-lhe diante dos olhos, e ele explodiu: «Por Deus! Não acredito que teria sido possível se eu não tivesse estado lá!»

(Tradução de Adriano Bastos)



Legendas de Caricaturas

O MARIDO para a mulher: «Você só entrará para o Movimento Feminista passando por cima do meu corpo de macho chauvinista!» — Hoest

EDITOR para o autor: «Estamos interessados em material que interesse a juventude anticapitalista. É o que está dando dinheiro.» — M. G.

A MULHER furiosa com o marido: «Você só concorda comigo porque sabe que isso prova que eu não sei do que estou falando!» — Salo

O DIRETOR do Pessoal para a bonita candidata a emprego: «O chefe é quem diz a última palavra — o que, no seu caso, será: 'Puxa vida!」» — R. K.

DE UM HOMEM de negócios para outro: «Minha mulher sofreu uma cirurgia plástica ontem. Cortei seus cartões de crédito.» — D. M.

O PACIENTE identificando-se para a recepcionista de um consultório médico: «Meu nome é Burdan. B de bursite, U de úlcera, R de reumatismo, D de dispepsia, A de ansiedade aguda, N de neurastenia.» — H. M.